



John Carter Brown
Library
Brown University





97 649
9

RELACAM

DA FELIZ CHEGADA
DA SERENISSIMA SENHORA
D. MARIA

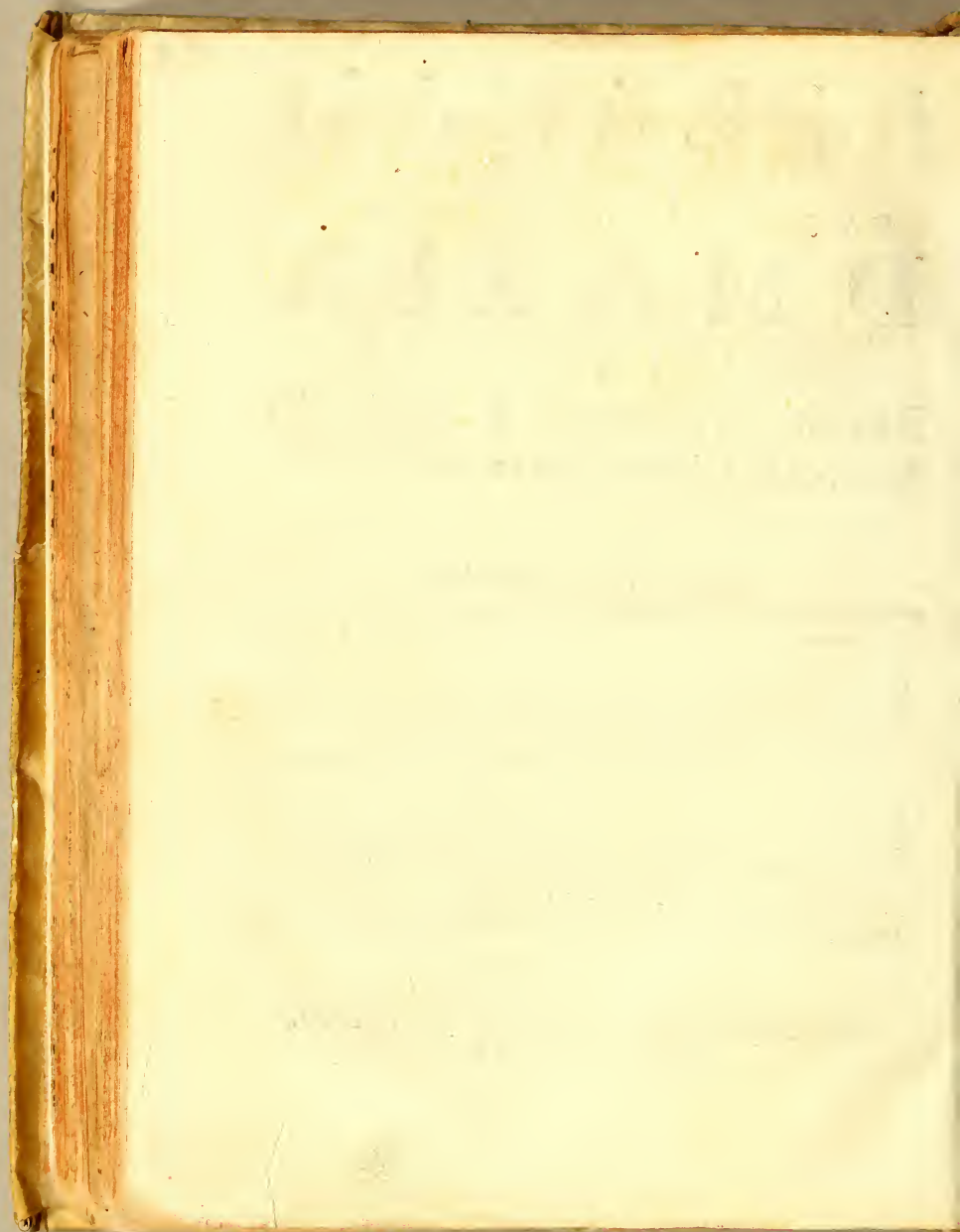
SOFIA ISABEL,
Raynha de Portugal, à Cida de, &
Corte de Lisboa, em 11. de Agosto
de 1687. & descripção da ponte
da Casa da India.

DEDICADA
A LOURENÇO PIRES CARVALHO, DO
*Concelho de Sua Magestade, & seu Sumilher da cortina:
Provêdor das obras, & Paços Reaes, Deputado da Mesa
da Consciencia, & Ordens, & da Junta dos tres Es-
tados: & Arcediago de Santarem na Sè de Lisboa.*

Por Sebastião de Affonseca, & Payva, Freire Conventual
do Convento Real de Palmela, da Ordem de Sanct-Iago
da Espada, & Mestre da Capella no Hospital Real
de todos os Santos.



L I S B O A.
Com todas as licenças necessarias.
Na Officina de DOMINGOS CARNEYRO,
M. DC. LXXX. VII.



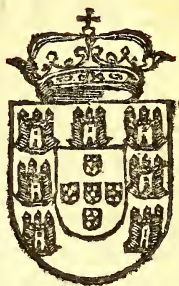
(3)
DEDICATORIA



SHVMILDES sempre buscarão o am-
paro dos grandes ; os fracos , sempre solici-
táraõ o arrimo dos poderosos. Quem mais
grande , quem mais poderoso , que o animo de
V. S: Quem mais fraco , quem mais pequeno ,
que o meu talento ? mas amparado com o patrocínio de
V. S. não terão que temer meus borões , nem que recear
os defeitos da minha penna : Esta obra , que não chega a
fer mais que hũa noticia do muito que pede o assumpto ,
offereço ao amparo de V. S. para que possa luzir o que he
sombra , & aggradar o que he erro : que tudo se faz por
hum visinho, & com a sua benevolencia , poderey conseguir
mayores arrojós. Guarde Deos a pessoa de V. S. Sc. Lis-
boa em 4. de Setembro de 1687.

Humilde Cappellaõ de V. S.

Sebastião de Affonseca, & Payva.



SYLVA PRIMEIRA.



PARTIO o Conde, & com algum myfterio
 Dia da Conceição, para o Imperio,
 Partio em tam bom dia
 Que tambem com Lisboa o Ceo partia,
 Pois Maria Sagrada
 No Empyrio collocada,
 Sua Conceição pura
 Foy todo o nosso bem, toda a ventura,
 E era força que fosse em tal empenho,
 De todo o nosso bem o desempenho;
 Partio em fim, ficando esta Cidade
 Livrando na esperança a fauldade,
 Em breves dias fez avifo o Conde
 Que era a Neuburg chegado,
 E que tinha o negocio effeituado;
 Porque negocio que Deos toma apeyto
 O mesmo he intentarfe, que estar feito.

Com

Com taõ ditosa nova

Os coraçõens amantes
Obráraõ logo excessos relevantes,
E Lisboa se vio em hum momento
Feita outro firmamento,
Porque com luzes varias
Ouve tres dias muitas luminarias.

Os navios com tirões repetidos

Eraõ da vista horror, & dos ouvidos;
As Torres, & o Castello,
De Troya pareceo vivo modello,
E entre nuvens de fumo,
Que se queimava o mesmo ar prefumo,
Tantas luzes pella Cidade havia,
Que parecia a noite o mesmo dia.

Preparouse em Lisboa

O que no fim do mundo tanto soá;
Pois da ponte a grandesa
No adorno, & riqueza
Deu que ouvir, & envejar ao mundo todo,
Peço attençaõ, porque era deste modo.

Junto do mar sobre degrãos de pedra,
De madeira formáraõ outra escada,
E emcima já no fim, logo á entrada
Hum portico muy rico,
(Que se não vio segundo, certifico)

Era de quatro faces,
E taõ iguaes as fez á Architectura,
Que eraõ todas iguaes na fermosura;
E era força que como o Sol o via,
Olhasse o rosto para o meyo dia.

Neste rosto primas com bem asseyo

A iij

Sendo

Sendo da vista enleio
 Do mundo as quatro partes competiã,
 E tão claras se viaõ
 Que estando lá na Asia
 A Cidade de Goa,
 Se divifou do forte de Lisboa.
 Africa parecia
 Que se abrafava, porque se despia,
 E com o Sol que esperava
 Já de futuro, toda se abrafava.
 Da America tambem a entender venho,
 Que para verfos tinha muito engenho,
 Tão de amor, & de açucar parecia,
 Que imaginey que alli se derretia.
 Europa coroadã,
 Entre as Naçoens temida, & respeitada,
 Bem mostrava imperiofa
 Que era de todas quatro a mais fermofa,
 Mas á vista de tanta Mageftade
 Seria a presumpção temeridade.
 Na face do Oriente
 Donde o rofto do Sol se vé patente,
 Estavaõ com brilhantes luzimentos
 Effes quatro elementos,
 Que vorazes, & pios,
 Secos, humidos, já quentes, & frios,
 A vida nos fustentaõ
 Quando as plantas, & flores alimentaõ,
 Que ás vezes na eſtranhefa
 Se conferva melhor a naturefa.
 Na face do Occidente
 Do anno os quatro tempos divifava,

Quem

(7)

Quem da Ribeira olhava,
Que era de tal maneira a esquadria,
Que de hũa parte só, nunca se via,
E com diversas cores
Se via a Primavera com mil flores,
O Verao com seus fructos sazonados,
O Estio, & o Inverno, algoz dos prados.
Monstro o corpo segundo em quatro faces,
Nas engras delle em casas divididas
As Cidades se vem mais aplaudidas,
Com sua Nao Lisboa, & sua Esphera,
Coimbra a sua Dama, & hũa féra,
Evora o Cavalleiro,
O Porto, a Virgem nosso bem primeiro.
Entre as Cidades, que hoje canta a Fama,
Quatro rios estavao com socego;
O Tejo, o Douro, o Minho, & o Mondego;
emcima destes rios,
Com valerosos brios
Doze virtudes, só o arco tinha,
Porque as mais haõ de vir com a Raynha.
No meyo das virtudes,
Postas por mãos divinas,
Se vio de Portugal as finco quinas;
E no remate, com clarins de prata,
A Fama, que fiel tudo relata.
Dentro aqui deste portico famoso,
Em tudo portentoso,
O Zodiaco estava,
E certo que admirava,
Ver os Celestes Signos
Em seus póstos, & bazes christalinos,

A liij

Taõ

Taõ vivos na pintura, & cor taõ rãra;
 Que pareceo que alli Deos os criãra;
 E o Sol como a doentes lhe fazia
 Visitas cada dia,
 Que só Cancer pudera
 Dar que entender alli a toda a Esphera;
 Até que a luz Imperial chegasse,
 E com mais clara luz os visitaſſe
 Toda a constelação ſe offerecia,
 Para alli ſer eſtrella de Maria,
 Em todo o pedestal estava Emblema
 Que aſſumpto ſer pudéra de hum Poema;
 Pois com verſos latinos.
 Apollo os visitava, mais que aos Signos.
 Por fóra para o mar tinha alguns grifos
 Que ſoletrava o ár, com ſeus borrifos
 Todos de flores, porque á flor Raynha
 Só Emblemas de flores lhe convinha.
 A primeira pintura
 Deos cravos era em hũa ligadura.
 De hũa colonia bella
 Hum Imperial, & outro de Arrochella,
 E muito bem ſe lia
 por bayxo eſte quarteto, que dizia.
Faça exceſſos Portugal,
Pois de Pedro a flor mais bella,
Se foy cravo de Arrochella,
Hoje be cravo Imperial.
 Seguia-ſe o ſegundo,
 De Portugal moſtrando a todo o mundo
 O exceſſo com que ama tal Raynha;
 Eſta pintura tinha:

(9)

Hũa flor maravilha, & amor perfeito,
Ao que este quarteto estava feito.

*Hoje com excesso brilha
O poder, & o respeito,
E se ve o amor perfeito
Transformado em maravilha.*

Terceiro grifo era

Hũa Açucena em rosa transformada,
E hũa perpetua flor allí ligada,
Quem o grifo penetra.
Bem claro o tem nesta seguinte letra.

*Hoje com Cepetro, & Coroa,
Luzida sempre, & pomposa,
Se muda a Açucena em Rosa,
Por ser perpetua em Lisboa.*

No quarto emblema por figura estava.

Hũa flor girasol, que o Sol girava,
(Amante sympathia)

E desta sorte o mote se seguia.

*Não brilhe o claro forol
Nessa Esphera Celestial,
Pois he do Sol Imperial,
Pedro amante Girasol.*

A pintura do quinto Emblema era

Lá na Celeste Esphera

Com azas hũa Angelica voando,
E a Fama o seu clarim de ouro tocando,
Toda aos ares entregue,
E lia-se no mote o que se segue:

*Hoje a pasmos desafia
Da Fama o doce clarim,
Pois he Pedro hum Serafim,
E hũa Angelica Maria.*

O sexto Emblema, & ultimo em sy tinha
 Os nomes da Raynha,
 Por baixo este quarteto:
 E dizem muitos que era bem discreto.

*No mar já da fermosura
 Se vê o Narciso melhor
 Que SOFIA desta flor
 Portugal toda a ventura.*

Do portico no Ceo hum Sol se via,
 E hũa Aguia seus rayos lhe bebia,
 Que ao Sol de Portugal sem ter desmay
 A Aguia Imperial lhe bebe os rayos,
 Porque he Pedro luz tal, & tal portento,
 Que ao mesmo Sol dispensa o luzimento.
 Deste portico hum corredor sahia,
 Que a mesma vista dentro se perdia,
 Nelle de parte a parte a vista topa,
 De Asia, America, Africa, & Europa
 Opulentas Cidades, & famosas,
 Onde vem pedrarias preciosas,
 Açucar, beijoim, cravo, & pimenta,
 Com que o Reyno se augmenta,
 Conquista, em que o valor dos Portugueses,
 A espada tingio por muitas vezes.
 No pavimento, bem no meyo estava
 Taõ bella a Lusitania, que admirava;
 Pintura de pintor taõ soberano,
 Que nos prognosticou Feliciano.
 As armaçoens taõ bellas,
 de bordados, volantes, & de tellas,
 Que a vista suspendeo o novo ornato;
 Do vistoso da ponte mais não trato,

Só direy desta ponte,
Que os arcos que mais ricos se fizêraõ,
Ser arcos desta ponte bem pudêraõ,
E com ser de madeiras diferentes
Aquillo pertencentes,
Na assistencia, no asseyo, & no trabalho,
Foy desta vez a ponte de Carvalho,
Donde o Pires melhor, & mais illustre,
Desto ornato, grandesa, & magestoso,
Fez prato ás Magestades muy gostoso:
Que de Lourenço só, & seus alentos,
Se esperavaõ taõ regios luzimentos.
Do corredor no meyo
Outra porta dos olhos foy recreyo,
Donde os Anjos tambem tomando as armas
De Pedro, & de Maria,
Hum, & outro brasaõ se desafia,
Mas deste desafio taõ renhido
O Escudo Portugues ficou ferido,
E com ter sinco chagas neste dia,
Mais feridas de amor appetecia,
E os mais Anjos com flores por Escudo
De cima da varanda viraõ tudo.
Findava o corredor junto á Capella,
Donde todo o juizo se atropella,
Se descrevela intenta,
(E para o conseguir a musa alenta:)
Porém direy sómente,
Que estava taõ brilhante, & excellente,
Que dos olhos no mar, ricas, & graves,
Hiaõ ambas de lô as suas náves,
Com tal gosto se via

Que

Que dos olhos capella parecia,
 E no vario das cores
 Capella pareceo de muitas flores,
 E he bem que por capella se conheça,
 Pois sempre anda dos Reys sobre a cabeça.
 Fez aviso segundo
 O Conde, que Marquez já chama o mundo,
 E como he de Alegrete,
 Alegrias o aviso nos promette,
 E de tão boas novas admirados
 Huns, & outros ficámos avisados,
 Sendo que ha gosto tal, que de improvizo,
 Aquem se entende mais tira ojuizo.
 Mandou dizer o dia que partia,
 e quando chegaria:
 E foy prodigio isto
 Que assim como o dispoz, assim foy visto;
 E o dia signalado
 Se vio na barra o bem tão desejado:
 Os cachopos de gosto rebentavaõ,
 De alegria faltavaõ,
 E as aguas chrystalinas
 Correndo a todo trote
 Vestiraõ esta vez de chamalote,
 Que tanto o mar a esta Venus ama,
 Que de amor cada onda era hũa chãma.
 O Zefiro suave,
 Que para a conduzir soprou mais grave,
 Satisfazendo entãõ nosso desejo,
 Em dous sopros a poz dentro no Tejo:
 Em tiros toda se desfez a barra,
 E para tal Senhora,

Se desfizera toda a barra agora,
(Pois he mais bella do que diz a Fama.)
Porque não dá quem tem, dá quem mais ama.
Entrou de São Joseph pella enfiada,
Que anfiada por vella, pelos ares
Deixou dizer o que era, & entrouse aos mares:
De barcas, & de barcos,
Arcos triumphaes tambem fez paço de Arcos;
E na breve passagem,
Toda a terra lhe deu boa viagem:
A torre de Belem, bem atirava,
E como jubileo todos salvava;
Muita gente de Alcantara na ribeira
Que para aver metteu sua pedreira;
E foy nesta conquista
Todo o bairro, que a vio, a boa vista;
A gente da Esperança
Quando a teve presente,
O bairro quiz deixar em continente,
Porque a Náo Capitania vindo entrando;
Olhos, & corações vinha arrastrando
As Chagas repicáraõ,
E como Armas Reaes a festejaraõ,
Que como quinas eraõ,
Em repiques de amor se desfizeraõ.
Deu fundo toda a Armada,
E com tempo jocundo
O diamante real, tambem deu fundo:
Sendo hũa joya a Náo, & bem fermosa,
Por ter em si a pedra preciosa,
E pedra que a tal Pedro se dedica,
Digna he de estimação por fina, & rica.

Def-

Depois de darem fundo,
 Em tiros se abrafava todo o mundo:
 Atirou o Castello
 Que foy no vigiar viva Atalaya,
 E todo o povo entao se vio na praya.
 Fragata não ficou, barco, nem bote,
 Deste, ou daquelle lote,
 Que alli se não fretasse a todo o custo,
 E ficou Portugal fóra de fusto,
 Pois via no seu Tejo
 O logro mais feliz do seu desejo.
 As Sacras Magestades,
 Que julgavaõ hũa hora eternidades,
 Vendose perto, sem poderem verse,
 Já pella sympathia de quererse,
 Os coraçoens mandavaõ,
 E cada instante alli se visitavaõ.
 Chegou ditosa a hora,
 E foy o Sol buscar a sua Aurora,
 Partio a Magestade
 Forçado da laudade
 Com os grandes da Corte,
 E foy buscar a Estrella, & flor do Norte.
 As tres horas seriaõ,
 A tempo que no mar dous foes se viaõ,
 Prodigio que admirava,
 E a Lisboa mil bens prognosticava.
 Chegou o bargantim, & ao mesmo instante,
 Sobio o Rey amante,
 E quando se avistou Pedro, & Maria,
 A tiros toda a Náo se desfazia:
 Todo o baixel entao atirou logo,

(15)

E houve de parte a parte muito fogo.
 Lançava o dia fenas, rica forte,
 Quando os Monarcas vinhaõ para o forte:
 Tantas embarcaçoens não vio a gente,
 Pois gemia com o peso effa corrente,
 E castigando entaõ a fua queixa,
 Buscando terra amor, o rio deixa:
 Sendo a segunda vez (cefsem as mágoas)
 Que vio Venus, amor, fahir das aguas.
 Para a ponte fubiraõ,
 E mil vivas fe ouviraõ,
 Que mefclados com o tom da artelharia,
 Confonancia nos coraçoens fazia;
 Dizendo a vozes quem chegou a vela,
 Não fe vio atéqui coufa tão bella.
 Entráraõ pella ponte os fões benignos
 Visitando fegunda vez os Signos,
 E com luzes felectas
 O Zodiaco vio mais dous planetas:
 A Aguiã, que de hum Sol rayos bebia,
 Vendo dous fões, deixou o que feguiã;
 E fe vio logo alli em continente,
 Europa ufana, o Tejo muy contente,
 E por fer efcolhida
 Lufitania ficou muy prefumida,
 E entre as Cidades, que o clarim pregoa,
 Sómente os parabens levou Lisboa.
 No fim do corredor, toda a bellefa
 fe via na Príncefa,
 (Cefsem as competencias por agora,
 Que hũa ha de fer o Sol, & a outra, Aurora;)
 Com real fummiffaõ, & cortefia

(16)

Se inclina o Sol, & se reclina o dia;
 Quem vio tanta ternesa
 Entre hũa Magestade, & hũa Alteza?
 A Igreja subiraõ,
 E de tal mãy as bençoens conseguiraõ,
 Com devoçaõ oráraõ,
 E ao Rey dos Reys amantes adoraraõ:
 E naõ he novo, naõ, que de contino
 Tres Monarcas adorem o Rey Divino.
 Subiraõ para o Paço os tres luzeiros,
 E foraõ deste dia os pregoeiros,
 O gosto, o pasmo, a admiraçaõ, o affombro,
 E a noite se nos poz, hombro, com hombro,
 Houve tres noites fogo,
 E começouse logo;
 Que os affectos amantes
 O que ha de ser despois, fazemno antes;
 Houve tiros que farte,
 Teve pendencias Jupiter com Marte,
 Porque o Castello ardia,
 E o militar estrondo só se ouvia,
 E porque o sino a recolher provoca,
 A recolher tambem a musa toca;
 Promettendo para a segunda parte,
 Empenhar outra vez, engenho, & arte.

FINIS.

103
18
297
**A R C O
TRIUNFAL**

IDEA, E ALLEGORIA,

Sobre a Fabula de Paris em o

MONTEIDA

CUJA FICÇAM HA DE SERVIR PARA

o Arco Triunfal, que a Rua dos Ourives do Ouro

celebra, em applauso dos felicissimos Des-

posorios das Augustas, & Lusitanas Magestades.

DESCREVE-A

PASCOAL RIBEIRO COUTINHO.



LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL,

Impressor do Sancto Officio.

Anno de 1687.

10/14

C619
A949m



